



Rede São Paulo de

# *Formação Docente*

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP  
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo

2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista  
Pró-Reitoria de Pós-Graduação  
Rua Quirino de Andrade, 215  
CEP 01049-010 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 5627-0561  
www.unesp.br



**GOVERNO DO ESTADO  
DE SÃO PAULO**

Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria de Estado da Educação  
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas  
Gabinete da Coordenadora  
Praça da República, 53  
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA  
DA EDUCAÇÃO**



Emoção:  
outra palavra que interessa às  
artes e ao seu ensino



## Sumário

<b>Vídeo da Semana</b> .....	<b>3</b>
<b>4. Emoção: outra palavra que interessa às artes e ao seu ensino</b> ....	<b>3</b>
4.1. Filosofia e psicologia pensam a palavra emoção .....	4
4.2. Emoção e conhecimento.....	9
<b>Para saber mais</b> .....	<b>11</b>
<b>Referências relativas ao Tema 4</b> .....	<b>11</b>

## Vídeo da Semana

---



### 4. Emoção: outra palavra que interessa às artes e ao seu ensino

Inserimos este panorama com entendimentos sobre emoção porque esta palavra está presente nos mais diferentes discursos quer seja de professores de artes, de artistas ou mesmo de educadores em geral com visões, muitas vezes reducionistas que limitam reflexão sobre emoção à busca de relações interpessoais não conflituosas ou, no campo das artes, valorizam emoção como livre expressão. Em ambos os casos, falta a atenção para sua relevância na constituição do ser humano e para a sua relevância como aspecto profundamente imbricado ao processo cognitivo e ético.

Uma busca aos dicionários leva à constatação de que, de modo geral a palavra emoção vem associada a uma reação orgânica de intensidade e duração variáveis, geralmente acompanhada de alterações respiratórias, circulatórias e de grande excitação mental. Porém, a pesquisa sobre a origem etimológica da palavra revela camadas mais instigantes. Origina-se do latim, a partir de duas raízes: motio e ex. Motio é raiz associada à idéia de movimento e ex é raiz associada à ideia de exteriorização, de colocar-se para fora de si mesmo. Na origem, então, emoção é expressão de ação, de movimento que revela externalização de algo. Discutir as relações deste movimento em contextos de artes e de ensino de artes é um dos objetivos deste tema dividido, assim como os anteriores, em dois tópicos: 1. filosofia e psicologia pensam a palavra emoção e 2. emoção e conhecimento.

#### 4.1. Filosofia e psicologia pensam a palavra emoção

A primeira documentação do francês *émotion* é de 1538. A do inglês *emotion* é de 1579. O italiano *emozione*, o português *emoção* datam do começo do século XVII. Nas duas primeiras línguas, a acepção mais antiga é a de “agitação popular, desordem”. No século XVIII, é documentada no sentido de “agitação da mente ou do espírito”. Sofre um deslocamento de um conteúdo social para um conteúdo individual.

Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C) admite o que ele chama de afecção da alma acompanhada por prazer ou pela dor. São associadas a valores que cada afeição tem para a vida de cada um, de cada polis. São reações imediatas a partir destes valores. Segundo Aristóteles (2006), nem todos os males são temidos, somente aqueles que se conhece a ameaça, o risco, a possibilidade de produzir grandes dores.

Aristóteles analisa as afecções da alma como algo complexo, associadas a certos órgãos corporais, mas que contém também uma parte cognitiva, sem a qual a afecção ou emoção não ocorre. Assim, Aristóteles define o medo como uma dor ou inquietação provenientes da imaginação de um mal iminente que possa causar destruição ou dor. Não basta que algo presente possa causar destruição ou dor; é preciso que seja considerado por alguém como podendo ter tal efeito para provocar emoção. Aliás, nem é necessário: alguém pode ter um medo meramente imaginário, sem que nada exista que possa objetivamente ser causa iminente de dor ou destruição. E, contrariamente, algo altamente destrutivo ou doloroso pode ser iminente sem que alguém tenha medo: basta para isso que não creia que seja destruidor ou causador de dor.

A emoção é assim algo complexo em que o elemento cognitivo tem um papel preciso a desempenhar. É tese aristotélica que a emoção não é razão, mas é também tese aristotélica que a emoção não pode ser avessa à razão. Em outros termos, embora uma emoção possa estar privada de razão, toda emoção é tal que tem de poder ser acompanhada de razão (ZINGANO, 1997). Em outras palavras, Aristóteles relacionava emoções a valores, a princípios valorizados na polis que contextualizavam temores, alegrias, prazer e dor.

O quadro abaixo registra o que pensavam sobre emoção 4 filósofos que influenciaram o pensamento ocidental.

Filósofo	Idéias associadas à emoção
S. Tomás de Aquino	emoção se une à mudança física, está mais associada ao apetite sensível da alma que ao apetite espiritual, já que muda o corpo.
Hobbes	emoções são princípios invisíveis que movimentam o corpo. São apetites: desejo, deleite que movem os seres humanos para a vida. São molestas as emoções que impedem o apetite vital.
Descartes	emoções tem função de incitar a alma a permitir conservação do corpo. Tristeza e alegria são fundamentais: tristeza dá sinais sobre destruição do corpo e alegria sobre preservação. Razão deve frear emoções que podem destruir a vida.
Kant	Emoção tem função biológica. Alegria e tristeza ligadas ao prazer e à dor servem para alertar sobre situações que preservam ou que ameaçam a existência.

Se para Aristóteles, emoções são cunhadas em contextos culturais, engendram-se na polis, assentadas em valores e aproximam-se à razão justamente no processo de valorar aquilo que provoca dor e prazer, os filósofos destacados no quadro acima enfatizam o aspecto biológico das emoções e merecem atenção, pois podem dar sinais sobre preservação e destruição da vida.

No interior da filosofia e em pleno século, Espinosa (1632-1677), contemporâneo de Descartes, enfatiza a idéia original de movimento presente na palavra emoção, apesar de usar a palavra afeto. Afetos são afecções instantâneas de provocadas por imagens de coisas em mim, provocadas pelas relações que estabeleço com outros corpos. São modificações, são movimentos, pois envolvem sempre um aumento ou diminuição da capacidade dos corpos para a ação e obriga o pensamento a mover-se em uma direção determinada. A depender da direção deste movimento, pode-se dizer que existem afecções boas e más. Segundo Espinosa (2008), as boas afecções geram alegria e as más, tristeza, as quais constituem as duas grandes tonalidades afetivas do homem.

Na filosofia contemporânea, Jean Paul Sartre (Filósofo francês, 1905 -1980) escreve uma crítica às teorias sobre emoção em 1039. Afirma que emoção é um novo modo de consciência, manifesto quando a inserção no mundo exige mudança de intenção, de modo de ser. Sem a provocação emocionada do mundo, o ser não muda. Para Sartre, há uma profunda união entre o ser emocionado e o objeto emocionante ou as relações criadas no mundo que tocam o ser emocionado a ponto de fazer com que ele se mova e passe a ver e considerar e ser tocado pelo mundo a partir de novos lugares. Assim, o estado emocional complexo desmembra-se em reações corporais e conduta que deslocam o corpo, mas também em estados de consciência correspondentes à percepção do que emociona e de si mesmo como ser capaz de se deixar tocar pelo mundo. O sujeito emocionado e o objeto emocionante estão unidos numa síntese indissolúvel. A emoção é uma transformação do mundo, quando não é possível encontrar caminhos ou quando não é possível seguir caminhos difíceis. Há uma tentativa de ver o mundo pela magia, ou pela necessidade de magia transformadora. Elementos inconscientes, não reflexivos, intuitivos entram em jogo e provocam o surgimento de uma nova consciência no sentido de obrigarem o ser emocionado a criar novas relações. Consciência e inconsciente se entrelaçam para provocar mudança de lugar e superação de sofrimento, de medo, de dor ou para preservar satisfação, alegria. Para Sartre (2008), a emoção não é não é um comportamento puro: é o comportamento de um corpo que se percebe provocado pelo mundo em que está, por profundo enraizamento em seu contexto. E embora reúna elementos nem sempre reflexivos, nem absolutamente conscientes, a emoção permite a consciência de que somos seres tocados pelo mundo.

No campo da psicologia, destacamos abordagens do behaviorismo – comportamentalismo – e psicanálise e, ainda as abordagens de Vigotski e de Wallon a respeito da palavra emoção.

Na perspectiva comportamentalista, Watson (1878-1958) entendia que as emoções não passavam de simples respostas fisiológicas a estímulos específicos. Um estímulo (como a ameaça de uma agressão física) produz mudanças físicas internas, tais como o aumento do batimento cardíaco, acompanhado das respostas explícitas apropriadas e adquirias. Mas é importante ressaltar que, nesta mesma perspectiva teórica, Skinner (1904-1990) apresenta uma visão mais complexa, defendendo que não bastam estímulos externos de natureza física para provocar emoção, mas que esta resulta também de ação do sujeito em seu ambiente criando novas relações e situações que podem provocar emoções. O sujeito não é passivo a receber estímulos, mas gera relações e estímulos também que, por sua vez, fazem surgir novas formas de tocar e ser tocado.

Na perspectiva da psicanálise, temos que a palavra afeto corresponde ao que Freud formula para emoção. O afeto não é um conceito em Freud, mas vários. Ele fala em afeto de diversos modos, em vários sentidos diferentes. Ora num sentido mais genérico como sinônimo de emoção e sentimento, ora como quantidade/quota de energia ou excitação, ora como processo de dispêndio de energia. Os afetos relacionam-se ao corpo, ao impulso vital e às representações. Não estão separados da consciência, mesclam consciência e inconsciência e impulso de vida e de morte.

Emoções desenvolvem-se a partir de apropriação dos significados da língua e da sua relação com a nossa formação de conceitos. Sem certas idéias sobre nós, as outras pessoas, os objetos, também não há dinâmica emocional humana.

Na perspectiva da psicologia cognitiva, Vigotski, autor com quem já entramos em contato nesta mesma disciplina, entende que emoções desenvolvem-se a partir de apropriação dos significados da língua e da sua relação com a nossa formação de conceitos. Sem certas idéias sobre nós, sobre as outras pessoas, sobre os objetos, não há dinâmica emocional humana.

Vigotski (1977) acredita que na percepção global e confusa da criança, as impressões exteriores estão unidas com o afeto que lhes matiza o tom sensitivo da percepção. Ela percebe antes o afável ou o ameaçador, e não os elementos objetivos da realidade exterior. A partir de

suas investigações com crianças, constatou que entre as formas de comportamento entre cinco e seis meses de vida, observam-se os primeiros movimentos defensivos, movimentos de alegria, até os primeiros desejos.

Para este autor, as emoções precisam ser pensadas numa totalidade dinâmica e aberta na qual não se destituem de identidade, mas adquirem singularidade como processo psicológico circulante na vida social, nas negociações institucionais e discursos que lhe dizem respeito, numa certa cultura, no encontro com o mundo.

Não distingue sentimento como algo superior, humano, de emoção como algo mais biológico, animal e primitivo. Entende que certas funções mais simples têm algo em comum com as mais complexas. Somos emoções e sentimentos ao mesmo tempo. Somos emoções menos culturalizadas e mais culturalizadas.

Com o desenvolvimento da psicologia como ciência, ao longo do século XX, surge consenso entre diferentes teorias no que se refere à distinção entre sentimento e emoção. Sentimento seria revestido de um número maior de elementos intelectuais e racionais. No sentimento, existira alguma elaboração no sentido do entendimento e da compreensão sobre a emoção. Seria inútil fazermos uma listagem de sentimentos e outra de emoções. Eles se confundem. Este esforço de distinção é apenas analítico e serve para vislumbrarmos que há um aspecto de nosso aparato emocional que está assentado em valores forjados culturalmente que fundamentam o que sentimos.

Ainda na perspectiva da psicologia cognitiva, temos outra referência que se constitui já em uma teoria e está presente na obra de Henri Wallon (filósofo, médico e psicólogo francês, 1879-1962) iniciou suas pesquisas com crianças lesadas neurologicamente e elaborou uma teoria da emoção. Para ele, a emoção tem dupla origem – é tanto biológica quanto social e garante a sobrevivência da espécie humana.

Afetividade é o termo usado por Wallon (1998) para identificar um domínio funcional abrangente que contempla diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões.

Para Wallon (1998), existem dois níveis de emoção que ele denomina de afetividades: afetividade orgânica e Afetividade social. **Afetividade orgânica** abarca reações generalizadas, mal

diferenciadas com estados de bem-estar e mal-estar associados às primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta com a fome ou saciedade. Há uma impulsividade para a sobrevivência. A **Afetividade social** prepara a redução da impulsividade, pois a afetividade sofre impacto das condições sociais; constituem-se em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo. Engendram sentimentos que são as emoções reguladas por representações simbólicas, são nomeadas, são associadas a valores e identificadas e legitimadas em cada contexto cultural.

Para finalizar este tópico, registramos que no campo da psicologia, de forma mais geral, há uma tendência em se afirmar que emoção é um impulso neural que move um organismo para a ação. Este impulso sofre transformações no emaranhado de realções socioculturais nos quais os seres humanos são inevitavelmente mergulhados. Os sentimentos seriam as diferentes formas assumidas por este impulso e estão fundados em valores, representações simbólicas e como tal na linguagem. Os sentimentos abarcam elaboração de valores e conceitos a respeito de emoções.

## 4.2. Emoção e conhecimento

Se há um autor que estabeleceu a relação entre emoção e conhecimento em profundidade este autor foi John Dewey. Nós já o convidamos a nos ajudar a pensar por ocasião dos estudos desenvolvidos no primeiro módulo e, neste momento, ressaltamos novamente sua contribuição, para com ele nos aproximarmos um pouco mais da palavra emoção enquanto categoria relevante para a elaboração de conhecimentos.

Vamos partir de algumas imagens atribuídas por Dewey ao conhecimento. Nosso autor não parte do conhecimento como um produto acabado, para indagar de sua validade ou de sua possibilidade, mas dos fatos crus da existência: o que faz e como faz o homem para obter o conhecimento? O conhecimento, em Dewey, é o resultado de uma atividade que se origina em uma situação de perplexidade e que se encerra com a resolução desta situação. A perplexidade é uma situação indeterminada e o conhecimento é o elemento de controle, de determinação da situação. Se tudo, na existência, transcorre em perfeito equilíbrio, não há, propriamente, que buscar saber ou conhecer, mas, quando muito, um re-conhecer automático. Conhecer, assim, não é *aprender* noções já sabidas, não é familiarizar-se com a bagagem anterior de informações e conhecimentos; mas, descobri-las de novo, operando como se fôssemos seus descobridores originais.

Para Dewey (2010) a experiência de aprendizagem só é de fato experiência quando o aprendiz tem a oportunidade de percebê-la integralmente, de estabelecer relações diversas com o que já sabe, com outras experiências, com signos já construídos e com hipóteses que poderá então produzir.

A experiência requer uma ação ativa do sujeito que aprende e um pensar e agir compreendendo o todo. Dewey (2010) faz uma crítica aos que acreditam que para aprender é preciso primeiro conhecer as propriedades de um objeto ou aprender a manusear seus instrumentos, pois para ele o sujeito que aprende tem que operar com o todo e colocar em jogo suas potencialidades corpórea, intelectual e emocional. Uma experiência se constitui em experiência de conhecimento se abarcar três movimentos essenciais:

- **do intelecto:** para pensar, analisar, para nomear e conceituar o real.
- **da prática:** para sair do lugar, mudar de perspectiva, para manusear e intervir material e moralmente no mundo.
- **da emoção:** para padecer e se permitir ficar em estado de perplexidade diante da realidade, para sofrer e deixar-se tocar por curiosidades sempre mais radicais, para integrar a prática e a reflexão em experiência única de conhecimento.

Segundo Dewey (2010), a emoção pertence certamente ao eu, ou seja, ao aspecto mais subjetivo e introspectivo do sujeito que vive uma experiência. Mas é produzida em um sujeito relacionado, um sujeito que é tocado pelo mundo no qual está imerso e é produzida ainda em um sujeito que almeja algo, que é constituído por desejos e valores. As emoções são mais que simples reflexos automáticos, são mais que gestos reativos manifestos, por exemplo, quando nos assustamos. As emoções duram para além de uma reação momentânea, pois estão conectadas, segundo Dewey (2010), a um contexto no qual o sujeito que as vivencia mantém profundas relações com outras pessoas, com objetos e com resultados circunscritos a estes vínculos.

Enquanto nossa capacidade intelectual, lógica e reflexiva permite que nos distancie para melhor observar e analisar os processos e resultados de uma experiência, nossa capacidade de sentir emoção permite justamente que sejamos tocados, contagiados e comovidos pelo mundo que nos oferece linguagem e patrimônio cultural em geral, assim como vínculos pessoais e desejos. Nosso aparato emocional permite o padecimento que nos deixa perplexos e nos

move para saber mais e para criar novas condições e novos modos de ser e de estar no mundo. Nesta perspectiva, Dewey (2010) afirma que a emoção permite a culminância da experiência de conhecimento e por isso, toda experiência de conhecimento seria uma experiência estética, uma experiência que inclui necessariamente o sensível em profunda aliança com o intelectual.

Para finalizar este tema, registramos que o objetivo deste breve panorama sobre diferentes entendimentos a respeito da palavra emoção pode favorecer a construção conceitual dos leitores de modo a circunstanciar suas abordagens sobre si mesmos, sobre suas relações com o mundo, mas, sobretudo, sobre seus alunos e seus diferentes modos de ser e de se mobilizarem nas experiências de conhecimento.

## Para saber mais

É fundamental que você leia o capítulo “Ter uma experiência” do livro “Arte como experiência”, de John Dewey, publicado pela Editora Martins Fontes em 2010.

O texto aborda as relações entre conhecimento e experiência estética, conceituando esta última por meio de exemplos com grande força metafórica. O livro todo é de leitura obrigatória para o arte-educador porque desenvolve fundamentos como percepção, objeto expressivo, arte e civilização.

## Referências relativas ao Tema 4

- ARISTÓTELES. De Anima. Tradução, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- ALMEIDA, L. R.; Mahoney, A. A. **Henri Wallon**: psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHAUI M. Sobre o medo. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- CHAUI, M. **As nervuras do real**. São Paulo: Cia da Letras, 1998.

- CHAUI, M. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.
- DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: LA TAILLE, Yves de; et al. **Piaget, Vygotski, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- DEWEY, John. Tendo uma Experiência. In: \_\_\_\_\_. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ESPINOSA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GONZÁLEZ REY, F. O Emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, S. T. M.; ARAUJO, Y. (Org.). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MIOTTO, M. L. A consciência entre o formalismo e a psicologia em Sartre. **AdVerbum**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 144-155, 2008. Disponível em: <[http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol3\\_2/03\\_2\\_5consciencia\\_em\\_sartre.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol3_2/03_2_5consciencia_em_sartre.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2011.
- SARTRE, J. P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. Las emociones y su desarrollo en la edad infantil. In: \_\_\_\_\_. **Obras escogidas 2**. Madrid: Visor, 1977.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- ZINGANO, M. Karthasis poética em Aristóteles. **Síntese**: revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 24, n. 76, 1997. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/953/1392>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

## Ficha da Disciplina:

### Emoção, percepção e criatividade: a contribuição da Psicologia para Artes e Ensino de Artes



#### Prof. Dra. Luiza Helena da Silva Christov



Possui mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professora assistente doutora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Realizou estágio de pós doutoramento junto à Universidade de Barcelona sob a orientação do prof. dr. Jorge Larrosa Bondia. Foi assistente de pesquisa da profa. Dra. Bernardete Gatti, junto à Fundação Carlos Chagas. Leciona Psicologia da Educação e Psicologia e Arte em nível de graduação e atua também junto ao mestrado em Artes do Instituto de Artes da Unesp. Orientou 16 dissertações de mestrado já defendidas. Coordena, no Instituto de Artes, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES, com projeto de parceria com rede estadual paulista. Publica na área de formação docente. Assessora a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo em diferentes projetos de formação e elaboração de material didático.

13

## Ementa

A fronteira entre psicologia, artes e ensino de artes. Representações de senso comum sobre emoção, percepção e criatividade. Os conceitos de emoção, percepção e criatividade segundo diferentes abordagens da Psicologia e da Filosofia. A importância destes conceitos para a arte e para o ensino de arte. A importância destes conceitos para fundamentar planejamento do ensino de arte na perspectiva curricular da rede estadual paulista.

## Estrutura da Disciplina

### 1. Diálogo entre psicologia e artes: um exemplo a partir da Contribuição de Freud

- 1.1. Conceitos chaves para dialogar com Freud
- 1.2. Construindo formas de entender artes: a contribuição de Freud

### 2. Psicologia e ensino de Artes

- 2.1. A contribuição de Vigotski para o ensino de artes
- 2.2. Projeto ZERO e teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner

### 3. A palavra Percepção e sua importância para o ensino de Artes

- 3.1. A palavra percepção e sua história
- 3.2. Percepção segundo a Gestalt

### 4. Emoção: outra palavra que interessa às Artes e ao seu ensino

- 4.1. Filosofia e psicologia pensam a palavra emoção
- 4.2. Emoção e conhecimento

### 5. A palavra Criatividade como conceito integrador entre Psicologia, artes e ensino de artes

- 5.1. Historicidade da idéia de criatividade
- 5.2. Abordagens contemporâneas sobre criatividade

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Ana Maria da Costa Santos

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

## NEaD – Núcleo de Educação a Distância

*(equipe Redefor)*

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva